

Festa, elegância, tensão.

Parecia dia de Grande Prêmio Brasil no Jôquei Clube: clima de apostas, muita expectativa no ar, muita gente elegante. O leilão de conversão da dívida provocou verdadeiro *frisson* no Rio, fazendo circular na sede da Bolsa de Valores, na Praça XV, um número de pessoas nunca visto no local, nem mesmo no leilão da privatização da Nova América, a sensação do ano passado. No recinto do pregão, com capacidade para 430 pessoas, era difícil passar, bolsas e cotovelos se esbarrando. No auditório e nos outros locais onde foram instalados telões, mais gente. Nos dois aquários (janelas de vidro voltadas para o recinto do pregão), observadores esticando o pescoço. Pelo menos mil pessoas se comprimiram durante os momentos de maior pique do leilão, segundo os cálculos do presidente da Bolsa do Rio, Sérgio Barcellos.

Às 14h30, meia hora antes do início do leilão, o local já estava cheio. Não faltaram as figuras simpáticas, exóticas ou chiques, como o corretor que vestiu camisa amarela e gravata verde para demonstrar seu "otimismo", a "pantera" de meias pretas com frisos dourados e até a "colunável" Regina Marcondes Ferraz. O tom de espetáculo era sublinhado pelas luzes das equipes de televisão, empoleiradas nas passarelas onde, tradicionalmente, são fixadas as cotações das ações negociadas no pregão.

Como funciona

Às 15 horas, o diretor de pregão, Danilo Fernandes, dá início ao leilão: "Aceito ofertas para US\$ 75 milhões a 0,5%". E começam os operadores das corretoras (um de cada) a levantar crachás com seus respectivos números e a fazer ofertas. Para quem já frequentou qualquer tipo de leilão — de quadros, por exemplo — a semelhança é bem grande: enquanto os primeiros lances são baixos (no caso, a taxa de deságio era pequena), o número de interessados é maior (o que se refletia no montante que cada corretora oferecia àquela taxa); à medida em que os lances crescem (no caso, a taxa de deságio aumentava), alguns interessados começam a desistir. No caso de um leilão de quadros, é porque o preço acaba sendo muito caro. No caso de um leilão de dívida, é porque um deságio alto significa que o crédito do interessado vai tendo seu valor reduzido.

Assim, quando foi anunciada a primeira taxa (0,5%), apareceram 17 ofertas que, reunidas, ultrapassavam os US\$ 75 milhões do primeiro pregão, totalizando US\$ 172,4 milhões. Quando acontece isso, o diretor eleva a taxa para 1% (vai de 0,5% em 0,5%) e acata novas ofertas. E o procedimento é o mesmo até chegar a uma taxa que resulte num total de ofertas inferior ao apregoado. Cada corretora que fez um lance a esta taxa tem direito de converter aquilo que pediu. A diferença para o montante apregoado é rateada entre as corretoras que fizeram lances à taxa imediatamente anterior. No leilão de ontem, quando o deságio chegou a 27%, 15 corretores fizeram lances, somando US\$ 73 milhões. Os US\$ 2 milhões restantes



De meio em meio por cento, atenção geral.

foram rateados entre os que lançaram ofertas a 26,5% e quiseram permanecer no rateio.

O leilão para áreas livres foi acompanhado com muita atenção pelo público presente, incluindo muitos estrangeiros. Falava-se inglês (sobretudo com sotaque norte-americano), francês e japonês, entre outras

línguas. Fato curioso é que muitos credores que torceram o nariz para o deságio no processo de conversão — particularmente o Citibank, Chase Manhattan e bancos japoneses, como o Sumitomo Bank — voltaram atrás e resolveram participar do leilão, fazendo-se representar por corretoras. A constatação disso, depois da polêmica que alimentou os jornais nos últimos dias, fez o presidente da Bolsa, Sérgio Barcellos, sorrir de orelha a orelha. Aliás, o anfitrião da festa foi sorrisos o dia todo, recebendo muitos cumprimentos e repetindo sempre: "Vamos ver o mercado falar, ele sabe mais do que a nossa percepção individual".

Durante todo o tempo do primeiro leilão, os operadores das corretoras permaneceram no local especialmente marcado para eles, em frente ao diretor de pregão, a maioria com telefone sem fio pelo qual entravam em contato com seus clientes. A poucos metros, suplentes como César Verlangieri, da Fidesa (Guilder), permaneciam a postos para o caso de eventual substituição. Tensos todos estavam no início, como revelou mais tarde o operador da mesma corretora, Sidglei José de Azevedo, já que ninguém sabia até onde ia o interesse do concorrente. Mas, depois, com o quadro ficando mais nítido, a tensão diminuiu.

Táticas diferentes

Os dois leilões simulados e as palestras promovidas pela Bolsa e CVM também ajudaram a manter o nível de tranqüilidade. As estratégias usadas pelas corretoras foram diferentes: enquanto, por exemplo, a Fidesa (Guilder) manteve altos os seus lances desde o começo, outras corretoras, como a Multiplic (que fechou o primeiro leilão com montante idêntico ao da Fidesa, sendo a segunda que mais converteu), mostrou seu jogo mais para o final, também lançando ofertas altas.

O clímax do leilão começou a se aproximar quando a taxa chegou a 26% e ficou claro que, a qualquer momento, as ofertas não mais cobririam os US\$ 75 milhões. Finalmente, isso aconteceu com a taxa de 27% e o resultado foi aclamado com palmas e gritos de entusiasmo. Quase como o campeão do Grande Prêmio Brasil cruzando a linha de chegada, guardadas as devidas proporções.

O fim do espetáculo foi aí. No segundo leilão (das áreas incentivadas), poucas pessoas permaneceram no recinto de pregão e mesmo o número de operadores diminuiu sensivelmente. Enquanto o primeiro demorou quase três horas, o segundo foi concluído em cerca de 30 minutos. No final, o cenário típico de "fim de festa": montes de pontas de cigarros espalhados pelo chão.

Marisa Castelani, AE/Rio